

M. VALERI MARTIALIS EPIGRAMMATON LIBER I

Prologus

Spero me secutum in libellis meis tale temperamentum ut de illis queri non possit quisquis de se bene senserit, cum salua infirmarum quoque personarum reuerentia ludant; quae adeo antiquis auctoribus defuit ut nominibus non tantum ueris abusi sint, sed et magnis. Mihi fama uilius constet et probetur in me nouissimum ingenium. Absit a iocorum nostrorum simplicitate malignus interpres nec epigrammata mea scribat: inprobe facit qui in alieno libro ingeniosus est. Lasciuam uerborum ueritatem, id est epigrammaton linguam, excussarem, si meum esset exemplum: sic scribit Catullus, sic Marsus, sic Pedo, sic Gaetulicus, sic quicumque perlegitur. Si quis tamen tam ambitiose tristis est ut apud illum in nulla pagina latine loqui fas sit, potest epistola uel potius titulo contentus esse. Epigrammata illis scribuntur qui solent spectare Florales. Non intret Cato theatrum meum, aut si intrauerit, spectet. Videor mihi meo iure facturus si epistolam uersibus clusero:

*Nosses iocosae dulce cum sacrum Florae
festosque lusus et licentiam uolgi,
cur in theatrum, Cato seuerè, uenisti?
an ideo tantum ueneras, ut exires?*

EPIGRAMAS DE MARCO VALÉRIO MARCIAL, LIVRO 1

Prólogo

Espero ter alcançado uma tal moderação em meus livrinhos, de forma que ninguém que tenha uma boa opinião de si mesmo possa reclamar deles, pois gracejam de forma respeitosa, mesmo em relação às pessoas mais humildes; respeito que tanto faltou aos escritores antigos, que fizeram uso não só de nomes verdadeiros, mas até de nomes ilustres. Que eu não tenha fama a este preço e que o engenho seja a última qualidade a

ser aprovada em mim. Que o intérprete maldoso fique longe da ingenuidade de minhas brincadeiras, e que ele não reescreva meus epigramas: mostra-se desonesto aquele que é talentoso com o livro alheio. Quanto à franqueza licenciosa com as palavras, isto é, a linguagem dos epigramas, eu daria uma desculpa, se o exemplo fosse meu: mas assim escreveu Catulo, assim Marso, assim Pedão, assim Getúlico, assim todo aquele que é lido por inteiro. No entanto, se alguém é tão imodestamente austero que junto a ele não se possa falar latim em nenhuma página, ele pode se contentar com este prefácio, ou só com o título. Epigramas são escritos para os que costumam assistir às Florais. Que Catão não entre em meu teatro; mas, se entrar, que assista. Parece-me que estarei em meu direito se fechar este prefácio com alguns versos:

Se sabias do doce rito à alegre Flora
E das festas e ludos e a licença do povo,
Por que, Catão severo, ao teatro vieste?
Ou acaso entraste só para ir-te embora?

Tradução de Leni Ribeiro Leite.

M. VALERI MARTIALIS EPIGRAMMATON LIBER XII

Valerius Martialis Prisco suo S.

Scio me patrocinium debere contumacissimae trienni desidia; quo absolvenda non esset inter illas quoque urbicas occupationes, quibus facilius consequimur, ut molesti potius, quam ut officiosi esse videamur; nedum in hac provinciali solitudine, ubi nisi etiam intemperanter studemus, et sine solacio et sine excusatione secessimus. Accipe ergo rationem. In qua hoc maximum et primum est, quod civitatis aures, quibus adsueveram, quaero et videor mihi in alieno foro litigare; si quid est enim, quod in libellis meis placeat, dictavit auditor: illam iudiciorum subtilitatem, illud materiarum ingenium, bibliothecas, theatra, convictus, in quibus studere se voluptates non sentiunt, ad summam omnium illa, quae delicati reliquimus, desideramus quasi destituti. Accedit his municipalium robigo dentium et iudici loco livor, et unus aut alter mali, in pusillo loco multi; adversus quod difficile est habere cotidie bonum stomachum: ne mireris igitur abiecta ab indignante quae a gestiente fieri solebant. Ne quid tamen et adveniendi tibi ab urbe et exigenti negarem — cui non refero gratiam, si tantum ea praesto quae possum — , imperavi mihi, quod indulgere consueveram, et studui paucissimis diebus, ut familiarissimas mihi aures tuas exciperem adventoria sua. Tu velim ista, quae tantum apud te non periclitantur, diligenter aestimare et excutere non graveris; et, quod tibi difficillimum est, de nugis nostris iudices nitore seposito, ne Romam, si ita decreveris, non Hispaniensem librum mittamus, sed Hispanum.

EPIGRAMAS DE MARCO VALÉRIO MARCIAL, LIVRO 12

Valério Marcial para seu amigo Prisco, saudações

Sei que devo oferecer uma defesa por meus três anos de muito obstinada indolência; defesa essa pela qual, porém, se ela não poderia ser desculpada mesmo entre as ocupações da cidade, graças às quais nós podemos mais facilmente parecer impertinentes do que zelosos, muito menos nessa solidão de província, onde, a não ser

que estudemos sem descanso, nosso retiro será não só sem compensação como sem motivo. Ouve, pois, as razões. A primeira, e mais importante, é que busco os ouvidos da cidade, aos quais eu estava acostumado, e pareço litigar em fórum estrangeiro. Pois, se há qualquer coisa que agrade em meus livrinhos, o ouvinte a ditou. Aquela sutileza de julgamento, aquela inspiração nos temas, as bibliotecas, os teatros, os encontros em que os prazeres nos fazem estudar sem sentir, em suma, todas aquelas coisas que, aborrecido, abandonei, agora desejo como se eu tivesse sido abandonado. Acrescenta-se a isso o veneno dos dentes dos provincianos e a inveja no lugar da crítica, e um ou outro malévolos – muitos em um lugar pequeno. Manter o bom humor todos os dias enfrentando isso é difícil. Não te surpreendas, portanto, se, irritado, ignoro as coisas que costumava fazer com entusiasmo. Mas, para que eu não recuse a ti, que chega de Roma, o que pedes – pois eu seria ingrato se fizesse por ti apenas o que posso – ordenei a mim mesmo o que antes eu costumava apreciar, e dediquei-me durante pouquíssimos dias, para que eu pudesse receber teus ouvidos, tão familiares, com um jantar de boas vindas. Gostaria que tu julgasses cuidadosamente estes poemas, que somente em tuas mãos estão longe de risco, e que não seja penoso examiná-los. E, o que a ti é mais difícil, que avalies minhas nugas deixando de lado o favoritismo, de modo que, se assim julgares conveniente, eu envie a Roma um livro, não Hispânico, mas apenas chegado da Hispânia.

Tradução de Leni Ribeiro Leite.

O GÊNERO EPIGRAMÁTICO EM DOIS PREFÁCIOS DE MARCIAL

Profa. Leni Ribeiro Leite
Doutora em Letras Clássicas – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Universidade Federal do Espírito Santo

What is an epigram? A dwarfish whole;
Its body brevity, and wit its soul.

Assim Samuel Taylor Coleridge descreveu o epigrama, forma poética surgida na Grécia simplesmente como “inscrição” (literalmente, epigrama, “sobre a pedra”). Ainda na literatura grega, porém, o epigrama libertou-se de sua função prática e do suporte material, e passou a forma literária, cultivada por vários dos mais importantes poetas da época. Já na literatura latina, enfim, estabeleceu-se com as características apontadas por Coleridge, que são também as do epigrama na literatura moderna: a brevidade e o humor.

Em Roma, o gênero foi praticado desde os fins do século III a.C., cultivado por escritores de todas as épocas, dos mais eminentes, como Catulo, Vergílio, Sêneca, a outros menos conhecidos, ou cujos nomes são tudo que nos resta de sua obra. No entanto, foi apenas no século I d.C. que o epigrama ganhou maior *status* como forma poética, graças à obra de Marcial. Este autor, que elegeu o epigrama como forma poética exclusiva de sua extensa produção literária, com seu talento e arte estabeleceu as características do epigrama: os traços marcantes de sua obra tornaram-se os traços definidores do epigrama de forma geral.

Marcial escreveu, além de uma grande quantidade de epigramas metapoéticos, alguns prefácios em prosa em que comenta o seu fazer poético e sua forma poética eleita. Dentre eles, destacamos dois, a fim de comentar brevemente acerca das características do epigrama como forma poética antiga e moderna.

Comentário sobre o Prefácio I

Ao usar a prosa, e não a poesia, no início do livro I - que, sabemos, não foi de fato o primeiro livro publicado pelo autor – Marcial opta por uma abertura programática, estabelecendo a matéria e a elocução que convém aos seus poemas. O epigrama era, tradicionalmente, um gênero baixo, *humilior*; Marcial não busca alterar o lugar do epigrama na hierarquia dos gêneros literários – ao contrário, aceita-o e reforça-o, incluindo-o no seu cenário ficcional. Já na primeira frase de seu prefácio encontramos o termo que ele usará com mais frequência para se referir a sua própria obra: *libellus*, “livrinho”, diminutivo com um certo tom pejorativo ou derrisório, de quem trata de coisas pequenas, sem importância. O termo passou ao português carregado de significados que remetem ao satírico, ao zombeteiro, ao mordaz; daí *libelo* com o sentido de escrito de caráter satírico ou difamatório.

Os *libelli* de Marcial, no entanto, não se apresentam como difamatórios. O autor explicitamente nega-lhes este caráter, ao menos no que tange a pessoas reais. Marcial diz guardar o respeito que não foi comum nos autores antigos, que brincavam com nomes ilustres; o epigrama sai da cena política, em que de fato estivera com autores como Catulo, que usa os nomes de pessoas de prestígio como César e Cícero para alvo de seus poemas. O epigrama de Marcial é ficcional, ou antes, tipológico. Ele usa como mote de seus chistes figuras-tipo, pelo que já foi comparado com os autores da Comédia Nova. Os nomes – Quintus, Sextus, Thais, Chloe, Sextus, Lais e tantos outros – são comuns, os Josés e Marias da Antiguidade, e nomeiam personagens que cada leitor poderia identificar em seu círculo familiar ou de amigos. O jovem que deseja casar com uma viúva rica, a mulher que compra cosméticos para esconder a feiúra, o bêbado, o importuno, a prostituta, todos são personagens do epigrama, porque são personagens do cotidiano da cidade. O epigrama deixa a arena política e ganha a arena social.

Quanto à linguagem, porém, Marcial não pede desculpas. O vocabulário obsceno, segundo o autor, é parte necessária ao gênero, e não se pode fazer epigrama sem ele. Assim também entenderam os epigramistas posteriores, que mantiveram também esta característica dos pequenos poemas. Segundo Marcial, assim fizeram os antigos, e todos

os que são *lidos por inteiro*. Em outras partes de sua obra, Marcial retoma este tema da preferência do público pelos gêneros leves, “de ocasião”, como o epigrama, que eram de fato lidos por todos, em detrimento dos gêneros nobres, mas escolares, como a epopéia, que todos elogiam mas ninguém lê – “falar latim” ou seja, a linguagem mais franca, mais liberal, choca a moral, mas atrai o público. Assim também as Florais, citadas nos versos que fecham o prefácio. Os *Ludi Florales* eram uma festividade em homenagem à deusa Flora, associada à fertilidade. Durante as Florais ocorriam tradicionalmente representações teatrais chamadas mimos, durante as quais a nudez das atrizes era comum.

Conta Valério Máximo que, certa vez, Catão de Útica, censor romano que passou para a história como exemplo de austeridade moral, entrou em um teatro durante uma representação de mimo. Os atores, envergonhados com sua presença, recusaram-se a iniciar a representação; Catão, ao percebê-lo, retirou-se do teatro, no que foi aplaudido pelos espectadores. A este episódio Marcial se refere nos versos finais. Pergunta nosso autor: por que Catão entraria no teatro, sabendo que lá eram representados mimos? Apenas para exibir seu moralismo restritivo?

Marcial estabelece sua audiência já no prefácio: *Epigrammata illis scribuntur qui solent spectare Florales*. Indecoroso, nas Florais e nos epigramas, é o moralismo excessivo, é ser Catão. A invectiva, a temática sexual, a zombaria são a matéria decorosa, isto é, propícia ao epigrama, pois a leitura apta do epigrama é aquela que segue os critérios do gênero.

Neste primeiro prefácio, o epigrama é caracterizado, portanto, como pequeno, na extensão e na importância literária; gracejador, porém respeitoso, por se limitar ao ficcional e não atacar pessoas e situações reais; mas licencioso, livre na elocução, porque é próprio do epigrama dizer as coisas de maneira franca e coloquial.

Vejamos o prefácio ao livro 12, o último livro de Marcial, publicado provavelmente cerca de 16 anos depois do livro 1. Ao final de sua vida, Marcial deixa Roma e retorna para sua terra natal, a cidade de BÍlbilis, na Hispânia; seu último livro foi escrito durante este período.

Comentário sobre o Prefácio II:

Após muitos anos vivendo em Roma, Marcial retira-se para uma muito desejada aposentadoria no campo, em sua terra natal. No prefácio ao livro 12, porém, o poeta parece arrependido. Falta-lhe o que pode oferecer algo de bom aos seus livrinhos: o ouvinte. Falta-lhe o público, falta-lhe o ambiente intelectual, falta-lhe a vida à sua volta, que é o material de seu fazer literário.

Como já demonstraram vários estudos, Marcial não foi o criador de nenhum dos traços característicos de seu epigrama, e já existiam na tradição, sobretudo grega, de que ele é devedor. A brevidade já era característica do gênero, fruto mesmo de sua condição inicial de inscrição; a temática satírico-jocosa era um dentre muitos temas de que o epigrama dispunha desde a Grécia, e já fora elemento importante em Catulo, um dos principais modelos de Marcial. Este, porém, apurou e desenvolveu a técnica que mais tarde ficou conhecida como “fecho de ouro”: o poeta guarda para a última parte, para o último verso, às vezes mesmo para a última palavra o elemento cômico. Assim, o poema aparece dividido em duas partes: na primeira desenvolve-se o assunto, constrói-se a tensão do poema; na segunda, a mordacidade, a espíritosidade, o “sal” é apresentado ao leitor, desfazendo-se a tensão em riso.

O riso do epigrama é, portanto, o riso inteligente, o *wit* de Coleridge, o sorriso mordaz mais do que a gargalhada; em latim, esta qualidade de refinamento, de polimento era chamada *urbanitas*. O riso de Marcial é o riso urbano, que ele não encontra na pequena BÍlbilis. Assim, a longa queixa de Marcial no prefácio ao livro 12 é uma reafirmação do caráter urbano do epigrama. Esta urbanidade é menos de localidade geográfica – apesar do texto do prefácio fazer direta referência à Hispânia, o livro 3 de Marcial, escrito quando o poeta se encontrava na Gália, não sofre de falta de *urbanitas* – e mais de um refinamento na composição. O epigrama é um gênero que depende de sua estrutura formal, dotada de organização e engenhosidade, da precisão vocabular, para dizer muito em um espaço bastante reduzido, e, a partir de Marcial, de uma jocosidade que é melhor expressa através do fecho de ouro. Marcial deseja escrever um livro que, ainda que escrito na província, não seja “provinciano”.

Na qualidade da *urbanitas* expressa-se a última das características do epigrama de Marcial que passaram à posteridade como elementos definidores do epigrama como forma literária. O epigrama, adotado pelos primeiros escritores cristãos junto com a tradição literária pagã, foi praticamente abandonado durante a Idade Média. Volta a aparecer, porém, no Renascimento, na leva de revivescência dos gêneros literários greco-romanos. A partir de então, foi praticado em inglês, espanhol, alemão, italiano, português e em tantos outros idiomas modernos. O epigrama em português foi cultivado por poetas das épocas mais distintas Bocage, Filinto Elísio, Gonçalves de Magalhães, Cecília Meireles, Mário Quintana, José Paulo Paes entre tantos outros – conservando, de modo geral, as feições que lhe deu Marcial: brevidade, elegância, jocosidade; ou, nas palavras do poeta espanhol Tomás de Iriarte:

A la abeja semejante
Para que cause placer
El epigrama ha de ser
Pequeño, dulce y punzante.

Referências:

AGNOLON, Alexandre. *Uns epigramas, certas mulheres: a misoginia nos Epigrammata de Marcial*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CESILA, Robson Tadeu. *Metapoesia nos epigramas de Marcial: tradução e análise*. Dissertação (Mestrado em Linguística/Estudos Clássicos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

DEZOTTI, José Dejalma. *O epigrama latino e sua expressão vernácula*. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

HOWELL, Peter. *Martial*. London: Bristol, 2009.

MARTIAL. *Epigrams*. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge (Massachusetts): Harvard University, 1993. 3 v.

ROMAN, Luke. The Representation of Literary Materiality in Martial's Epigrams. *Journal of Roman Studies*, London, v. 91, p. 113-145, 2001.

SULLIVAN, J. P. *Martial, the Unexpected Classic*. Cambridge: Cambridge Pr., 1991.